

## A CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS GEOGRÁFICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

### CONSTRUCCIÓN DE CONCEPTOS GEOGRÁFICOS EM EDUCACIÓN INFANTIL

#### THE CONSTRUCTION OF GEOGRAPHICAL CONCEPTS IN CHILD EDUCATION

Rosa Maria Maia Gouvêa ESTEVES <sup>1</sup>  
Beatriz Karine Cardoso ROCHA <sup>2</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa apresenta o conceito de infância e como foi constituído por meio da história das sociedades e como diferentes autores discutiram as concepções de ser criança até a contemporaneidade, quando passa a ser considerada em suas peculiaridades. No Brasil vê-se documentos oficiais que abordam estas mudanças e, inclusive políticas que foram criadas para proteção à infância. Ao tomar como ponto inicial o conceito de infância, pretende-se que as crianças estejam no centro desta discussão, o que se objetiva é saber como as crianças constroem os conceitos geográficos, a partir de suas vivências para interiorizá-las de forma concreta. Aqui, quer-se dar vez e voz às crianças, como protagonistas de suas aprendizagens e como seres respeitados em todos os aspectos: físico, humano e moral. A metodologia empregada foi o estudo de caso, os sujeitos da pesquisa foram as crianças da Educação Infantil, e o início da pesquisa se deu a partir do desejo dos alunos de visitarem a casa dos amigos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Infância. Conceitos geográficos. Protagonismo.

**RESUMEN:** Esta investigación presenta el concepto de infancia y cómo se constituyó a través de la historia de las sociedades y cómo diferentes autores discutieron las concepciones de ser un niño hasta los tiempos contemporáneos, cuando se lo considera en sus peculiaridades. En Brasil hay documentos oficiales que abordan estos cambios e incluso políticas que se crearon para la protección infantil. Tomando como punto de partida el concepto de infancia, se pretende que los niños estén en el centro de esta discusión, cuyo objetivo es saber cómo los niños construyen conceptos geográficos, desde sus experiencias para internalizarlos de manera concreta. Aquí queremos darles a los niños voz y voz, como protagonistas de su aprendizaje y como seres respetados en todos los aspectos: físico, humano y moral. La metodología utilizada fue el estudio de caso, los sujetos de investigación fueron los niños de jardín de infantes y el comienzo de la investigación se basó en el deseo de los estudiantes de visitar la casa de amigos.

**PALABRAS CLAVE:** Infancia. Conceptos geográficos. Protagonismo.

<sup>1</sup> Associação Educacional Dom Bosco (AEDB), Resende – RJ – Brasil. Professora dos Cursos de Pedagogia e Letras da AEDB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1488-8314>. E-mail: [rosamag@globo.com](mailto:rosamag@globo.com).

<sup>2</sup> Associação Educacional Dom Bosco (AEDB), Resende – RJ – Brasil. Professora do Colégio de Aplicação da AEDB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9799-929X>. E-mail: [biia\\_karine@hotmail.com](mailto:biia_karine@hotmail.com)

**ABSTRACT:** *This research presents the concept of childhood and how it was constituted through the history of societies and how different authors discussed the conceptions of being a child until the contemporaneity, when it comes to be considered in its peculiarities. In Brazil we see official documents that address these changes and even policies that were created for child protection. When taking the concept of childhood as a starting point, children are supposed to be at the center of this discussion. The objective is to know how children construct the geographic concepts, from their experiences to internalize them concretely. Here, we want to give time and voice to children, as protagonists of their learning and as beings respected in all aspects: physical, human and moral. The methodology used was the case study, the subjects of the research were the children of Early Childhood Education, and the beginning of the research was based on the students' 'desire to visit their friends' homes.*

**KEYWORDS:** *Childhood. Geographical concepts. Protagonism.*

## **Introdução**

A pesquisa intitulada “A Construção de Conceitos Geográficos na Educação Infantil”, tem por objetivo compreender o pensamento e a linguagem infantil para se apropriar de mecanismo para o desenvolvimento de conceitos geográficos, para tanto foi utilizado como metodologia o estudo de caso, o qual consistiu em reunir informações detalhadas de um determinado problema, centrada na dinâmica do contexto para elucidar o que se desejava, por meio de revisão de literatura e estudo do campo, com aplicação de entrevista não estruturada e elaboração de desenhos específicos relativos aos temas pelos participantes da pesquisa.

Para a discussão da temática, apropriou-se do conceito e a história da infância para dar fundamentos, uma vez que a crianças não eram percebidas nas pesquisas em Ciências Sociais, portanto, esquecidas e privadas do direito de serem crianças. Este debate é importante para entendimento do mundo infantil, assim como são trazidos alguns documentos legais, relativos à Educação Infantil, que norteiam as políticas públicas no Brasil.

Discute-se a construção dos conceitos geográficos e o desenvolvimento psicológico dos alunos na apropriação dos conceitos e foram traçadas as estratégias pedagógicas de como se apropriaram dos mesmos. Aprofundando, tratou-se sobre a elaboração de conceitos geográficos, nesta fase escolar e como as hipóteses poderiam ser concebidas, a fim de que o professor transforme a aula dos conhecimentos geográficos, em algo significativo e que tenha vínculo com o contexto da criança.

Ainda foram versados como esses conceitos podem ser trabalhados, em projetos interdisciplinares, uma vez que, se os conceitos forem desenvolvidos de forma

contextualizada serão melhor assimilados e como consequência se terá um conhecimento significativo.

As questões metodológicas da pesquisa, as etapas, a análise e os resultados alcançados tiveram um tratamento especial. No tocante às considerações finais foram relevantes, uma vez que a pesquisa realizada foi muito assertiva, no sentido de esclarecer sobre como as crianças constroem os conteúdos geográficos e os assimilam para suas vidas.

### **Entendendo a Construção da Infância**

Rousseau (1968) valoriza tanto a autonomia das crianças, que dizia que até seu sofrimento deveria ser observado, no sentido de que toda criança deveria ter vez e voz. Apesar de frisar a autonomia da criança, também deixava claro, que o bem-estar das mesmas deveria ser sintonizado com a liberdade, que não houvesse mais espaços para os choros, mesmo que, por vezes ocorressem feridas, não deveria ser sufocado o sentimento de ser livre. Afirmava que cada um deveria possuir seu próprio espaço, isto é, a criança em seu lugar de criança, e o adulto no seu lugar de adulto.

Em sua obra *Emílio ou da Educação* (1968) apontou a infância como uma fase essencial à vida pela forma que discutiu as questões da infância, com o entendimento que a criança era um ser social. Também observa-se em sua obra, a inserção da criança na sociedade, não a considera um adulto em miniatura, mas valoriza esse período da vida, com comportamentos e princípios para que seja um cidadão crítico e atuante na sociedade.

Alerta para o ensino de valores simples e mostra que cada indivíduo possui seu lugar no mundo e que não há a necessidade de enfrentamentos a ninguém. Este filósofo e pedagogo muda a visão que se tem das crianças, alertando para a importância do respeito aos seus tempos e espaços, preservando sua autonomia, e os modos de adultos pais, professores e cuidadores, enfim como a sociedade em geral as trata.

Elucida maneiras para tornar a educação liberal, mas com limites e respeito. O conceito e a história da infância fazem parte desta discussão para que se possa melhor se apropriar do tema em questão, primeiramente, durante muito tempo criança não fazia parte das pesquisas em Ciências Sociais, assim, hoje estudos sobre a infância no Brasil ganham visibilidade, o que se observa são pesquisadores tornando a criança o eixo central de suas pesquisas e com um entendimento que são sujeitos a direitos e desempenhem um papel social,

como ser ativo e atuante na sociedade. Para Kohan (2003) a criança era conhecida como ser sem importância, a infância era referida como “uma fase inferior a vida adulta”.

[...] entre todas as criaturas selvagens, a criança é a mais intratável; pelo próprio fato dessa fonte de razão que nela existe ainda ser indisciplinada, a criança é uma criatura traiçoeira, astuciosa e sumamente insolente, diante do que tem que ser atada, por assim dizer, por múltiplas rédeas [...]. (PLATÃO, 2010, p. 302)

A criança nesse relato de Platão era vista como um animal, logo era denominada como selvagem. Claramente, pode-se observar que antigamente a criança era tratada como um ser irracional, que não assimilava conhecimentos, sem freios, que deveria ser trazida em rédeas curtas para ser dominada, precisando ser amansadas para uma convivência.

Já, Ariès (1981), as crianças eram vistas como adultos em miniaturas, não eram ouvidas e muito menos conversavam com os adultos, eram menosprezadas e eram como seres “invisíveis”. Não necessitavam de cuidados, inseridas no mundo do trabalho, participavam de afazeres domésticos e suas roupas eram incômodas. A liberdade era algo que não existia para a criança, começava a proibição pela vestimenta, com roupas apertadas que impossibilitavam a participação na vida cotidiana. Até a fase em que a criança não conseguisse manter um diálogo, era vista como um ser impossibilitado, em que faz valer o significado de infans, isto é, sem voz. Essa incapacidade ia desde da primeira infância até aos sete anos, e após essa idade, a vida adulta acontecia precocemente.

Além, do menosprezo infantil na questão do tratamento, ressalta-se também que essa falta de cuidados resultava em uma alta taxa de mortalidade infantil, com muitas crianças mortas por falta de cuidados básicos e higiene. A cultura da época pregava que as famílias tivessem vários filhos, porém se sobrevivessem dois ou três era o suficiente, para cumprir a “meta”. As crianças tristemente mortas não eram dignas de lembrança, eram tratadas como se nunca tivessem existido “a infância era apenas uma fase sem importância, que não fazia sentido fixar na lembrança”, no caso “da criança morta, não se considerava, que essa coisinha desaparecida tão cedo, fosse digna de lembrança” (ARIÈS, 1981, p. 21).

Para Ariès (1981) o sentimento de infância era dividido em dois momentos distintos, a paparicação, em que a criança é vista como um objeto de diversão e distração dos adultos, este momento surgiu no núcleo familiar entre o entre os séculos XVI e XVII. A modernização que retrata a infância de forma oposta à paparicação, esse momento ocorreu no final do século XVII, no contexto eclesiástico.

A igreja apresentou sua visão de infância de forma contrária, preocupou-se em oferecer o tratamento para a criança de modo que tirasse essa visão de algo recriador para a família e buscou meios para disciplinar as crianças e mostrar a elas os princípios morais e os cuidados básicos de higiene e saúde, assim atribuiu às famílias um novo conceito de cuidado, a saúde, tanto da parte física quanto da higiênica de suas crianças. Para Kramer (2006, p. 13) “a infância é entendida como período da história de cada um, que se estende na nossa sociedade, do nascimento até aproximadamente dez anos de idade” Assim, coloca-se, em relação a essa ideia de infância permeou a história:

A inserção concreta das crianças e seus papéis variam com as formas de organização da sociedade. Assim, a ideia de infância não existiu sempre da mesma maneira. Ao contrário, a noção de infância surgiu com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudavam a inserção e o papel social da criança na comunidade (KRAMER, 2006, p. 14).

Com o passar dos anos, o conceito de infância vem se modificando a cada dia, e o que hoje entendemos como barbaridades, vem sendo mudado, mesmo que em algumas culturas, ainda existem resquícios desse passado, a criança vem ganhando visibilidade no mundo, sendo vista como um ser histórico e cultural, ou seja, uma pessoa capaz de produzir sua própria cultura. Ao buscar ampliar essas concepções a partir dos princípios legais nacionais, encontra-se o Parecer 022/1998, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI) refere-se à criança como ser dotado de cultura e saberes. Eles dizem que a criança é portadora de todas as melhores potencialidades possíveis da espécie humana.

[...] inteligentes, curiosas, animadas, brincalhonas em busca de relacionamentos gratificantes, pois descobertos entendimento, afeto, amor, brincadeira, bom humor e segurança trazem bem estar e felicidade; Tagarelas, desvendando todos os sentidos e significados das múltiplas linguagens de comunicação, por onde a vida se explica; inquietas, pois tudo deve ser descoberto e compreendido, num mundo que é sempre novo a cada manhã; encantadas, fascinadas, solidárias e cooperativas desde que o contexto ao seu redor, e principalmente, nós adultos/educadores, saibamos responder, provocar e apoiar o encantamento, a fascinação, que levam ao conhecimento, à generosidade e à participação. (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1998, p. 7)

Neste mesmo documento destaca-se que:

A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. [...] as crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1998, p. 21).

Ao observar as citações acima é possível perceber que a concepção de infância passou por visíveis metamorfoses, o Parecer 020/2009, que trata da revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) ao discutir sobre a concepção de infância relata que a criança:

[...] é sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. Nessas condições ela faz amizades, brinca com água ou terra, faz-de-conta, deseja, aprende, conversa, experimenta, questiona, constrói sentidos sobre o mundo e suas identidades pessoal e coletiva, produzindo cultura. (PARECER, 020/2009, p. 7).

No Parecer 022/98 os discursos oficiais passaram a referir às crianças como seres ativos no processo educacional e em seu conceito histórico cultural. Por meio do parecer consegue-se entender o quanto mudou a questão do conceito e do sentimento de infância, as crianças possuem seus direitos e deveres e são seres ativos na sociedade, contribuindo para o futuro. É a semente do amanhã e é nela que se deve investir para alcançar um país com qualidade, respeito e a valorização do cidadão.

O protagonismo infantil destaca-se, está sendo cada vez mais influente no campo educacional, porém a falta de informação, ou a falta de estudo dos professores tornam essa questão um “problema” para a sala de aula. Vários educadores não sabem lidar com o protagonismo infantil, por entenderem que suas perguntas e curiosidades como uma “afronta”, ou seja; não têm conhecimento sobre as preciosidades que as crianças trazem para seu processo ensino-aprendizagem. Existem professores que acreditam que deixar a criança ser protagonista de seu processo educacional é submetê-las, demasiadamente, a muitos estímulos, sem o devido preparo e adequação.

No decorrer da história, serão encontrados pensadores contemporâneos, que acreditaram no protagonismo infantil, dentre eles: Maria Montessori (1965), Celestin Freinet (1985), Jean Piaget (1999), Emília Ferreiro (1985) e Loris Malaguzzi (1960), que perceberam que com certas atividades, as crianças teriam um desenvolvimento próspero. Assim, falar sobre infância é falar de Maria Montessori (1965) e suas obras sobre a educação, que prioriza o aluno, destacam a aprendizagem de forma concreta, a criadora do Método Montessoriano, cujo objetivo era ensinar a criança por meio de materiais estruturados. Formada em medicina, na área da psiquiatria, em 1896, começou a atender crianças com necessidades especiais, curiosa e muito dedicada, buscou meios para entender as crianças e fazer com que elas aprendessem como as crianças ditas “normais”.

Enquanto, Freinet (1985) em sua pedagogia do bom senso, destaca a importância da criança ser curiosa e com vontade de aprender, ou seja, querer interagir com o mundo. Não se pode deixar de destacar que para Freinet, a criança era o laboratório do professor, ele valorizava tanto a criança que a tomava como “objeto de estudo”. Já Piaget (1999) em seu livro “Seis Estudos da Psicologia” trouxe a fase do desenvolvimento infantil e observações para entender, em qual estágio os alunos estavam, se estivesse com 0 a 2 anos, estaria no estágio sensório motor, no pré-operatório é de 2 a 7 anos, no operatório concreto dos 7 aos 11 anos e no operatório formal dos 12 anos em diante. Piaget realizou essas observações nos aspectos biológicos e hoje se observa as atitudes de maturação da criança e não sua idade. Ferreiro (1985) deu ênfase no processo de alfabetização e no letramento, ressalta-se que a sua abordagem trouxe outra forma de alfabetizar.

Por último, mas não menos importantes cita-se Malaguzzi (1960) com sua abordagem de Reggio Emilia, que traz a criança para o centro do processo educacional. Uma de suas obras mais famosas é o poema “As Cem Linguagens da Criança”, que comenta que crianças possuem cem mundos para descobrir, inventar, sonhar, entre outros feitos que possam realizar, mas roubaram-lhe noventa e nove de tudo que estava à mão. Para este autor a criança é o principal ator do processo educacional e para que se entenda sua importância para o desenvolvimento da humanidade, é preciso que os adultos proporcionem meios para que a mesma se sinta maravilhada com tudo que a cerca e não apenas com atividades pré-estabelecidas, que nem sempre são significativas pela forma que são vivenciadas pelas crianças, deve-se criar espaço para a magia e a criatividade.



## Desenvolvimento de Conceitos de Espaços Geográficos na Educação Infantil

Ao aprofundar questões em relação à Educação Infantil e ao respeito ao seu desenvolvimento, aqui, será tratada sobre a elaboração de conceitos geográficos com alunos nesta fase escolar e levantamentos de hipóteses para que o professor transforme a aula de geografia em algo significativo e que tenha vínculo com o contexto da criança.

Como belamente sinaliza Carlos Drummond no trecho “[...] Nenhuma das duas era perfeitamente bela. E era preciso optar. Cada um optou conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia” (1985). Este trecho é possível acrescentá-lo em nosso dia a dia, ao se observar as práticas de professores da Educação Infantil, cada um possui seus métodos, sua característica para dar aulas, porém poucos são capazes de tornar seus alunos verdadeiros protagonistas de seu processo educacional, pois é mais fácil dar tudo pronto para a criança, para que ela apenas reproduza as atividades. Esse processo ocorre com diversas áreas do conhecimento, mas o que será discutido são de que modo serão construídos os conceitos de espaço e tempo com as crianças.

Primeiramente, acrescenta-se que o estudo sobre a geografia acaba se tornando banal na Educação Infantil, pois a sociedade se preocupa tanto em apresentar os numerais e as letras do alfabeto para a criança que acabam esquecendo a importância do conhecimento do espaço e do tempo. As aulas de Geografia não podem ser apenas para representar os espaços, para conhecer a vegetação dos locais, decorar nomes de lugares, mas são para ressignificar esses lugares, dando sentido de pertencimento, de fazer parte, do entendimento daquele espaço. Pretende-se levar o gosto desde cedo da compreensão do sentido de lugar, estimulando o desenvolvimento de habilidades para que os pequenos possam criar mecanismos para fazerem a leitura do mundo por meio de suas próprias representações gráficas.

A inteligência espacial que estará sendo desenvolvida com estas atividades e acompanhará a criança para a vida nesse contexto o professor será o semeador da curiosidade pela conquista do mundo, o entendimento do espaço, de lugares e paisagens. Assim, a Educação Infantil é a base para o desenvolvimento educacional da criança, também poderá ser tratada da alfabetização cartográfica. Para Freinet (1977) ao analisar os desenhos e a linguagem oral e escrita das crianças em seu processo de aprendizagem, percebeu-se que essas aprendizagens são paralelas. A alfabetização cartográfica proporciona, na criança, a realização da leitura do mundo, fazendo a relação entre o sujeito e o objeto. Esse processo, assim, como o da alfabetização, demanda tempo e também é necessário muito desenho espontâneo, como, por exemplo, pedir para que a criança trace o seu trajeto de casa até a escola; o trajeto que



realiza para ir da cozinha ao seu quarto, registrando a quantidade de pessoas e a quantidades de cômodos contidos em sua casa, primeiramente os desenhos ficarão subjetivos e somente haverá o entendimento com a explicação da criança, é a partir desse momento que inicia o encantamento da criança pela geografia, pois nesse momento tornando-a protagonista e valorizando suas produções, oportunizando explicar tudo o que realizou. É importante que o professor registre todos esses momentos, utilizando fotografias e registrando de forma escrita todos os relatos da criança sobre seu desenho.

É preciso lembrar que o mapa e o gráfico que a criança elabora podem ser confusos, com mistura de perspectivas, algumas transparências e dados agrupados de forma aleatória, pois o visível e o invisível podem estar confusos em sua mente. A escala também intuitiva, não obedecendo à proporção nas relações. No entanto, essas representações “distorcidas” fazem parte do desenvolvimento de suas habilidades para o desenho e certamente são mais significativas do que as cópias de mapas e gráficos prontos (PASSINI, 2012). O estudo sobre Geografia da infância é pouco visto em nosso país, mas os educadores precisam olhar as “novas” práticas para que se possa aprimorar ainda mais e tornar as aulas mais interessantes e com atividades de aprendizagens significativas.

[...] a geografia da infância tem como questão básica a compreensão da infância em seus diferentes contextos, ou seja, como os arranjos sociais, culturais, produzem as infâncias em seus diferentes espaços e tempos e como as crianças ao se apropriarem dessas dimensões sociais, as reconfiguram, as reconstroem, e se criarem suas diferentes geografias (LOPES; VASCONCELLOS, 2006, p. 122)

Tendo em vista que todos os espaços educam, ressalta-se que um dos motivos mais importantes de se pensar verdadeiramente no espaço como tal, é a importância e o significado que se dá a ele, pois se não houver importância para a criança, a aprendizagem naquele espaço não será significativa e efetiva. As crianças conhecem os espaços que frequentam como a palma de suas mãos, então por que não aproveitar isso para inserir conteúdos de geografia?

A Geografia da infância entende que as experiências do ser humano é experimentada em um espaço construído pelo homem. As relações que o indivíduo possui com o local onde frequenta, não são apenas relações de convivência, a relação do indivíduo com seu espaço vai muito além disso, é possível encontrar relações de pertencimento e relações afetivas decorrentes de culturas, sendo claramente percebido que a criança é capaz de produzir culturas infantis, que serão carregadas por toda a vida. A geografia é tratada especificamente

como área, uma vez que são oferecidos mecanismos para compreender as diferenças e semelhanças de um local para o outro de forma contextualizada e abrangente.

Por meio dela conseguimos nos relacionar com o ambiente, observando suas singularidades e suas ligações com a natureza. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (1998) a Geografia estuda as relações do processo histórico, com formação das sociedades humanas e como a natureza funciona, por meio da leitura do espaço geográfico e da paisagem. Sendo assim, é necessário explorar os conceitos geográficos por meio do contexto histórico de cada cidade, valorizando suas culturas, peculiaridades, entre outros.

O espaço geográfico é historicamente produzido pelo homem enquanto organiza econômica e socialmente sua sociedade. A percepção espacial de cada indivíduo ou sociedade é também marcada por laços afetivos e referências socioculturais. Nessa perspectiva, a historicidade enfoca o homem como sujeito construtor do espaço geográfico, um homem social e cultural, situado para além e através da perspectiva econômica e política, que imprime seus valores no processo de construção de seu espaço. (PCN, 1997, p. 76).

O homem como ser histórico e cultural é capaz de produzir suas próprias culturas, bem como as crianças também são seres históricos e culturais. Valorizar o contexto da criança, seus espaços, território e lugar, é o papel principal do professor, visto que a criança é capaz de aprender muito mais quando sua aprendizagem é contextualizada e significativa.

Ao ser colocado em evidência os assuntos sobre território e lugar é importante destacar seu conceito bem como sua origem.

Na concepção ratzeliana de Geografia, o território define-se pela propriedade, ou seja, o representa uma parcela do espaço identificada pela posse. É dominado por uma comunidade ou por um Estado. Na geopolítica, o território é o espaço nacional ou área controlada por um Estado nacional: é um conceito político que serve como ponto de partida para explicar muitos fenômenos geográficos relacionados à organização da sociedade e suas interações com as paisagens.

O território é uma categoria importante quando se estuda a sua conceitualização ligada à formação econômica e social de uma nação. Nesse sentido, é o trabalho social que qualifica o espaço, gerando o território. Território não é apenas a configuração política de um Estado-Nação, mas sim o espaço construído pela formação social. (BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia e História. Brasília: MEC / SEF, 1997, p. 75)

Ao serem ensinados conteúdos sobre o respectivo assunto é necessário que a criança entenda e compreenda que os limites territoriais variam e dependem de cada fenômeno geográfico estudado. Território e paisagem possuem relações estreitas e território pode até ser entendido como um conjunto de paisagens.

A categoria paisagem, por sua vez, está relacionada à categoria de lugar. Pertencer a um território e sua paisagem significa fazer deles o seu lugar de vida e estabelecer uma identidade com eles. Nesse contexto, a categoria lugar traduz os espaços com os quais as pessoas têm vínculos mais afetivos e subjetivos que racionais e objetivos: uma praça, onde se brinca desde menino, a janela de onde se vê a rua, o alto de uma colina, de onde se avista a cidade. O lugar é onde estão as referências pessoais e o sistema de valores que direcionam as diferentes formas de perceber e constituir a paisagem e o espaço geográfico. (BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia e História. Brasília: MEC / SEF, 1997, p. 75)

Sendo assim, é possível notar que espaços geográficos, paisagem, território e lugar estão correlacionados, ou seja, um é dependente do outro para sua compreensão. O professor deve se apropriar destes conceitos para trazer de uma forma peculiar a apreensão dos mesmos, dentro do fazer pedagógico que leve o aluno perceber o seu espaço e a respeitá-lo.

Por meio das explicações e conceitos anteriores é possível notar que espaços geográficos, paisagem, território e lugar estão correlacionados, ou seja, um é dependente do outro para sua classificação.

No sentido de implementar os conceitos geográficos, recorre-se aos ensinamentos de Piaget e Inhelder (1993) que apresentam a classificação da criatividade espontânea das crianças e Luquet (1969) que apontam a existência das seguintes fases: (a) Incapacidade sintética (3 a 5 anos), (b) Realismo intelectual (6 a 9 anos) e (c) Realismo visual (9 a 10 anos), que conforme forem utilizadas pelo professor, podem oferecer atividades adequadas aos alunos.

Pode-se dizer que na fase em que antecipa a incapacidade sintética, a criança não realiza imagens intencionais, ou seja, ela realiza movimentos com o lápis imitando o movimento que os adultos realizam, apenas pela satisfação em deslizar o lápis pelo papel e pelo gosto em observar as cores surgindo em suas produções.

Já na fase da incapacidade sintética, a criança já apresenta uma intenção em suas representações, ou seja, ela apresenta um significado para determinado desenho, porém suas produções não possuem muita semelhança com o objeto ilustrado. Sendo assim, é necessário

pedir para que a mesma relate sobre sua produção para que o adulto entenda que realmente ela desejou fazer. Pode-se citar como exemplo a imagem corporal, a criança ilustra o corpo humano com as pernas e braços saindo da cabeça, boca em cima dos olhos e o mesmo ocorre com as ilustrações dos espaços, a criança realiza seus desenhos de forma abstrata e sem dar continuidade ao espaço desenhado. Apesar de se dizer que esta fase vai dos 3 aos 5 anos, é válido deixar claro que essa fase pode se prolongar, de acordo com a maturidade da criança.

Luquet (1969) chamou a atenção ao relatar, que primeiramente a criança imagina o que ela representará, e após esse momento ela executa os movimentos para poder representar seu desenho. É importante destacar que as duas tarefas são distintas, ou seja, as crianças podem deixar de desenhar objetos ou até mesmo partes do desenho que são consideradas importantes para o adulto, porém para a criança não tem tanto significado.

É válido dizer que também nesta fase a criança pode realizar seus desenhos de acordo com a importância que a parte desse tem para ela. Por exemplo: ao desenhar sua mãe, levando em consideração que ela a carrega no colo, acaba desenhando seus braços mais longos e desproporcionais, pelo encanto ou pela analogia de que os braços precisam ser grandes para carregar uma pessoa.

Ainda nesta fase pode-se destacar que a criança ainda não desenvolveu sua lateralidade e noção espacial, ou seja, o lado direito e esquerdo e a posição em cima e embaixo, podem ser apresentadas de forma invertida em seus desenhos.

Após a fase citada acima, tem-se a fase do realismo intelectual que abrange os anos 6 aos 9 anos de idade, que é caracterizada pelo exagero e pelas transparências dos detalhes. Nesta fase a criança realiza seus desenhos de acordo com o que ela sabe, não pelo que vê, por exemplo, ao desenhar o corpo humano, irá desenhar o coração, o pulmão ou outros órgãos internos. Ao contrário da fase anterior, a criança já consegue respeitar as relações espaciais e topológicas, ou seja, o olho a boca e o nariz estão nos lugares certos. Nesta idade já é possível observar a construção da noção projetiva da criança.

Para finalizar as fases dada por Luquet (1969), tem-se a fase do realismo visual, que é observada entre os 9 e 10 anos, nessa fase a criança já consegue respeitar a identidade original do desenho, ou seja, consegue identificar e respeitar as medidas e espaços que determinado desenho ocupa em cada local, é possível notar na criança as relações euclidianas transparecendo, por meio da determinação e da conservação da distância dos desenhos. Nesta fase pode-se encontrar também o momento da representação imaginada, ou seja, durante essa transição pode haver perdas de alguns detalhes ou então exageros de outros.

As fases citadas acima são importância para o estudo da geografia, porém não se pode torná-las inflexíveis perante nossos alunos, os professores precisam entender que cada criança é capaz de desenvolver suas potencialidades e habilidades de acordo com sua maturidade, seja de forma livre, direcionada, ou até mesmo por meio das interações com o outro e com o meio em que vive.

## **Metodologia de Projetos na Educação Infantil para o Desenvolvimento de Conceitos Geográficos.**

### **A Organização do Currículo no Desenvolvimento de Projetos Interdisciplinares**

A organização do currículo baseada nos centros de interesse da criança é importante, pois é dessa forma que surgem assuntos pertinentes e interessantes em sala de aula e desta forma acabam surgindo os projetos interdisciplinares, tomando por base o que o aluno traz de sua vivência.

Segundo Hernandez e Ventura (1998) a organização dos projetos trabalhados é baseada na concepção de um processo muito mais interno do que externo, ou seja, os conteúdos se relacionam entre si, de forma sistematizada e contextualizada. Os projetos ocorrem de acordo com o interesse e as descobertas de cada criança.

As possibilidades que a interdisciplinaridade proporciona aos professores e aos alunos é magnífica, pois dessa forma não se trabalha o currículo de forma isolada, mas sim de uma maneira em que todas as disciplinas se completem e seja desenvolvida com significado. Trabalhar com a interdisciplinaridade não é algo fácil, exige muito do professor, pois o mesmo precisará estar atento a todo momento, buscando correlacionar todos os assuntos.

Pensar e agir interdisciplinarmente não é fácil, pois passar de um trabalho individual e solitário, no interior de uma disciplina escolar, para um trabalho coletivo faz emergirem as diferenças e as contraindicações do espaço social que é a escola. (PONTUSCHKA, PAGANELLI, CACETE, p. 149)

Desta forma a interdisciplinaridade tem o intuito de trabalhar de forma articulada, minimizando a fragmentação e o isolamento do currículo, fazendo com que os alunos sejam protagonistas do seu processo de ensino, que sejam seres pensantes e não meros arquivadores de conteúdo. Uma maneira interessante de se trabalhar de maneira interdisciplinar é com a utilização de temas geradores, ou seja, uma maneira de se articular os projetos, extraindo um tema ou temas a partir da realidade local da instituição.

Um programa baseado no tema gerador requer o atendimento de duas dimensões: uma utópica, no sentido de vir a construir, por meio da prática pedagógica, uma nova escola e consolidar valores, comportamentos e conhecimentos integrados, que juntos formariam um vir a ser, fornecendo elementos para a formação de um novo homem, desejoso da construção de uma nova sociedade, e, em outro nível de intervenção, uma dimensão mais concreta, com práticas pedagógicas imediatas e possíveis de ser desenvolvidas, promovendo mudanças que interferem na realidade local dos estudantes e dos moradores do bairro. (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, p. 154-155)

Desta maneira é importante que os temas estejam de acordo com a realidade da comunidade, para que seja algo pertinente a todos e que seja para um bem comum. A intenção é que os professores e os alunos se apropriem dos conteúdos a partir da interação com o meio e consigo mesmo, tornando um ser ativo e reflexivo.

### **A Visão do Mundo no Olhar da Criança**

A criança possui uma maneira de olhar o mundo diferente da dos adultos, elas encontram *belezas e possibilidades em cada canto do seu espaço*. Ao se observar crianças brincando em um espaço simples, grande com apenas uma gramado verde e galhos caídos pelo chão, é possível encontrar brilho em seus olhos, pois o encantamento é tão grande perante aquele espaço todo, que nada a faz pensar em um brinquedo eletrônico ou de borracha, porque naquele momento está envolvida com aquele ambiente.

Para muitas pessoas um espaço repleto de aprendizagem é o espaço onde contém brinquedos eletrônicos, jogos educativos, entre outros objetos, sim estes objetos são importantes para o desenvolvimento da criança também, mas jamais se pode deixar de descartar os encantos dos diferentes espaços que a cercam. Segundo Lopes (2006, p. 121) “o espaço que contém a presença humana, construído ao longo da história de nossa própria espécie, é a história geológica do planeta”.

Ao se pedir à criança realizar um mapa sobre seu espaço, ela fará da forma mais singular possível, pois cada espaço possui um significado diferente para ela. Um exemplo importante para citar, foi durante a proposta de uma atividade, quando tiveram que desenhar todo o trajeto de sua casa até a escola, ambos fizeram com muito empenho, porém o que chamou a atenção, é que para cada criança o caminho tinha um significado diferente, uma vez que está ligado com a sensibilidade de cada um, e o que percebe ao longo do trajeto, já

interiorizado pelos conhecimentos que já possui. Para uma aluna o que mais chamou sua atenção durante a observação de seu caminho foi a situação de um terreno baldio, em que estavam entulhos jogados e animais se alimentando de restos de comida.

Pode-se perguntar: Onde o professor pode chegar com este detalhamento feito pela aluna? Aqui, se faz necessário destacar mais uma vez a individualidade da criança, que precisa ser pertencente àquele local, para que possa ter significado e para que as aprendizagens significativas ocorram sobre as observações do espaço. Não se pode solicitar que a criança analise um mapa, sem ter, primeiramente, apresentado a ela estratégias de sensibilização e de construção do conhecimento.

Para a criança, todo local que tenha a presença humana ou a presença de espaços naturais são importantes e são ricos em significados e significâncias diferentes. Para o adulto, o vão que possui entre uma árvore e outra é apenas uma lacuna criada pela natureza, mas para a criança, aquele espaço pode ser um grande mistério e se o professor possuir um olhar sensível e a escuta ativa de seus alunos, poderá constituir um projeto rico em conhecimentos e aprendizagens.

## **Projetos Interdisciplinares na Educação Infantil**

Pode-se dizer que uma das melhores formas de inserir assuntos e dinamizar conteúdos diversos é por meio de projetos interdisciplinares, sendo assim é importante que os professores busquem outras abordagens para tratar assuntos relacionados com o cotidiano da criança, priorizando um trabalho por projetos.

Ao realizar projetos com as crianças, é necessário que o professor tenha olhos e ouvidos atentos e que observe as demandas das crianças, para que a sondagem ocorra de forma efetiva e que o projeto seja realmente eficaz. A criança é o centro do processo educacional e as ações docentes devem contemplar as necessidades levantadas.

Existem professores de Educação Infantil, que ficam preocupados com a transição da criança da pré-escola para o Ensino Fundamental, porque perdem no desenvolvimento de habilidades e competências, nesse período, perder oportunidades enriquecedoras para a construção de conceitos, que seriam estruturados por projetos.

Como comentam Hernandez e Ventura (1998), os professores precisam entender que cada processo tem sua fase, e trazer atividades pertinentes ao Ensino Fundamental para a Educação Infantil isso não trará benefícios para as crianças. Nesta fase elas precisam,



conhecer, explorar os ambientes ao seu redor e pesquisar assuntos de seu interesse para que sejam significativos, e não as escolarizar.

No trabalho com projetos, busca-se o protagonismo dos alunos no seu processo de ensino e aprendizagem, devido à forma que os conteúdos podem ser organizados, à diversidades das atividades e à possibilidade de arranjos das crianças, seja no momento de exploração do tema ou em relação à inserção na pesquisa, ou mesmo na interação com o outro, ou ainda na formação dos grupos, oportunizando discussões significativas, que contribuirão para o desenvolvimento da cidadania e não apenas ter um acúmulo de conteúdo, sem saber como utilizá-lo.

Freinet (1985) se preocupou com um trabalho que tivesse valor e que se priorizasse a participação da criança. Um dos seus trabalhos buscava desenvolver a criança de uma maneira integral, não visando somente à escolarização, assim, recorreu às aulas-passeios, quando as crianças caminhavam, conversavam e, principalmente, aprendiam.

É importante que os professores tenham a percepção de que a criança precisa ser estimulada e de que sua aprendizagem tenha ligação à vida. A escola não é um lugar fora do contexto, o qual a criança se desliga de sua vida para habitar durante a aula, muito pelo contrário, a criança precisa entender que existe uma conexão entre ambos.

Segundo Almeida (2001), as escolas utilizam os projetos como se fossem algo bem inovador, porém essa abordagem surgiu há algum tempo, em 1979, com Dewey, era o teórico da escola nova. Segundo a Revista *Newsweek* (1991), uma das escolas de Educação Infantil que é vista como modelo em qualidade na aplicação de projetos, são as escolas de Reggio Emília, uma cidade que se localiza no norte da Itália. O Sistema de Educação Infantil dessa cidade ficou conhecido por intermédio da divulgação na Revista *Newsweek*, do dia 2 de dezembro de 1991, o precursor dessa pedagogia foi Loris Malaguzzi (1991).

Sua abordagem concebe a criança como um ser ativo e participante de seu processo. As atividades envolvem representações artísticas, utilizando os recursos de seu cotidiano, sejam recursos da natureza ou de materiais não-estruturado, isto é, reutilizados e reaproveitados para o trabalho que será elaborado.

Relata também, o papel do professor como importante para o desenvolvimento dos projetos, pois será o mediador de todas as ações e também terá que pesquisar os conceitos, que serão construídos pela criança de forma participativa. Dentro da filosofia de Reggio Emilia, a criança é vista como um ser que produz, experimenta e sente o mundo, desde que saiu do ventre de sua mãe. Uma das características das crianças de escolas com esta

abordagem é a curiosidade, fundamental para o desenvolvimento de projetos interdisciplinares.

Por meio de tal metodologia, a criança se torna mais ativa nas discussões, pois os assuntos inseridos em assembleias serão de seu interesse e isso fará com que tenha mais vontade de dialogar e expor seu ponto de vista. A partir de uma provocação surgirá uma discussão e desta maneira cria-se um ciclo de aprendizagem duradoura realizado durante o desenvolvimento dos projetos interdisciplinares, que a partir de um projeto surgirem outros subprojetos.

A metodologia de projetos é uma forma de organizar os conhecimentos escolares, de modo que os conteúdos sejam trabalhados de forma inter-relacionada e como consequência serão atrativos, levando-se em consideração o contexto da turma. Ainda serão ressignificados pelas experiências trazidas pelas crianças, adequando-as aos diferentes campos do saber, a partir das temáticas relevantes que discutirão os conteúdos propostos.

Segundo Hernandez e Ventura (1998,) durante a organização do desenvolvimento dos conteúdos para o projeto, é importante que o professor elabore com a criança um quadro de cognição, onde o professor registrará de forma coletiva o que eles sabem e querem sobre o tema, e saber sobre esse assunto. Para que possam ter um levantamento do interesse das crianças sobre o assunto que será abordado e com isso ampliará o professor possa ampliar os conteúdos se for necessário.

É importante também que o professor realize a leitura do quadro semanalmente, para que as crianças possam acompanhar o que já desenvolveram, o que pretendem desenvolver e se houve interesse em mais algum assunto dentro do projeto. No decorrer do projeto, após acompanhamento do quadro, é importante que o professor e as crianças registrem, também de forma coletiva o que eles aprenderam com o que eles descobriram sobre o assunto no decorrer do projeto.

A construção de conceitos geográficos acontece de forma muito natural, dependendo da maneira como o professor irá abordar o assunto. Uma forma muito interessante de se trabalhar com a criança é com a utilização de desenhos cartográficos, sendo pequenos mapas ou esboços para a construção de sua determinada atividade.

O professor necessita estar atento para conseguir compreender o ponto de vista do aluno e a construção de suas hipóteses. Durante as rodas de conversa é importante anotar os questionamentos dos alunos sobre os espaços, para que todos possam desenvolver e construir

seus pensamentos de forma sistematizada e que um possa enriquecer o conhecimento do outro, expondo sempre suas inquietações.

Outro aspecto que é importante destacar é em relação ao pensamento espacial da criança, ou seja, como ela se localiza e como se entende naquele determinado lugar do espaço. Todo o espaço vivido e concebido pelo aluno é importante nesse processo de desenvolvimento de conceitos geográficos para a Educação Infantil. Possibilitar momentos para que as crianças utilizem os espaços menos usados da escola, para que possam criar vínculo com aquele espaço e então ressignificá-lo, para que a criança possa desenvolver e criar seus mapas cartográfico de forma espontânea e natural.

O mais interessante da construção de conceitos geográfico é que a criança possa atuar no desenvolvimento dos mesmos, já que o professor deve mostrar e explica o conteúdo de uma forma tal que a criança crie suas próprias hipóteses e construa seu próprio raciocínio em relação aos conceitos geográficos, pois segundo o psicólogo Vygotsky (1998), o conceito não se forma na cabeça da criança, quando lhe é ensinado, ele é elaborado à medida que os alunos o constroem.

### **Construção dos Conteúdos Interdisciplinares por meio dos Conceitos Geográficos**

Ao utilizar os conceitos geográficos de forma interdisciplinar é possível desenvolver diversas competências e habilidades inerentes a cada idade da criança como a noção espacial, lateralidade, leituras e construção de gráficos a partir do conhecimento de cada criança.

Uma das maneiras de desenvolver conceitos geográficos com as crianças é propondo atividades onde as mesmas explorem os traços, por meio de desenhos, cartas mentais, maquetes, croquis, mapas e plantas. Inicialmente a criança fará de acordo com o seu entendimento, podendo não aparentar tanta clareza, porém é neste momento que o professor precisa explorar a oralidade e o raciocínio da mesma, fazendo com que se sinta confortável para descrever determinado risco.

Para Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 293) “O desenho espontâneo do aluno é, para o professor um elemento de análise sobre o desenvolvimento cognitivo de certa realidade representada pelo aluno”. O desenho da criança para o professor é riquíssimo, a partir dele consegue realizar a análise do que o aluno está pensando sobre a sua vivência, seja de suas necessidades, medos e anseios, desse modo sendo assim os desenhos espontâneos da criança

possibilita ao professor realizar uma observação atenta sobre qual o seu desenvolvimento gráfico espacial.

Além do desenho livre destaca-se também uma outra maneira muito significativa de aprendizagem, que são os desenhos dos trajetos das crianças, seja por meio da fala ou desenhos, os pequenos sempre farão uma descrição e de algum modo darão à descrição uma referência que terá significado para ele, seja uma árvore, casa, ou algum animal que lhe chame a atenção. Desta maneira a criança estará desenvolvendo noções topológicas, projetivas.

Além das atividades acima, temos também os desenhos de edificação. Uma maneira bem interessante de realizar essa atividade é utilizar a parte histórica da cidade, e pedir para que a criança observe os detalhes de determinado imóvel e que o mesmo faça um desenho representando aquele monumento realizando as alterações cabíveis.

Para Pontuschika, Paganelli e Cacete (2009, p. 297) “Ao desenhar, os alunos registram traços característicos e mudanças nas formas e nos materiais utilizados nas construções”. O professor possui um mundo de possibilidades para explorar os aspectos geográficos em seus alunos, um simples desenho de paisagem se torna fonte de estudo e de exploração de conteúdo para um professor que sabe o que realmente está fazendo.

### **Considerações finais**

Este estudo trouxe reflexões sobre como a infância era considerada e qual é a concepção de infância no Século XXI, que serviu de base para as discussões que se seguiram sobre conceitos geográficos, que se quer trabalhar na Educação com as crianças na Educação Infantil, acreditando que é a partir das suas vivências que estes conhecimentos serão internalizados e servirão para a vida. Entender o lugar e a paisagem como locus de pertencimento e sendo responsável pelo seu uso saudável e manutenção.

Precisa-se entender que as aulas de Geografia não pode ser apenas para representar os espaços, para conhecer a vegetação dos locais, decorar nomes de lugares, mas é para ressignificar estes lugares, dando sentido de pertencimento, de fazer parte, do entendimento daquele espaço, para que a criança se sinta parte daquele lugar e internalize a aprendizagem de uma forma mais significativa e duradoura.

A construção de conceitos geográficos na Educação Infantil não é algo fácil, mas não é algo de outro mundo, o professor necessitará apenas de ter um olhar sensível para a aprendizagem e pelo interesse da criança, bem como também para os espaços que a cercam.

O professor precisa ter internalizado que ao utilizar os conceitos geográficos de forma interdisciplinar é possível desenvolver diversas competências e habilidades inerentes a cada idade da criança como a noção espacial, lateralidade, leituras e construção de gráficos a partir do conhecimento de cada criança e não será algo fragmentado, mas sim algo com significados e significâncias para a criança.

Querem gerações que mudem o planeta? Passa por uma outra forma de educar, e de principalmente lidar com o seu entorno, que começam com atitudes muito simples de ensinar, que tudo que está ao nosso redor passa pela ação humana e pelos nossos atos. Ensinar a ter ações eficazes para se ter uma rua, um bairro, um município melhor, com espaços de convivência e humanizados, onde todos se sintam representados.

Com a presente pesquisa foi possível concluir que as escolas e os professores, possuem os meios de tornar as crianças seres ativos, pensantes e atuantes na sociedade. Precisa-se dar vez e voz aos pequenos, para que tenham a oportunidade de expor suas opiniões, questionamentos e levantamento de hipóteses. Respeitar a criança como protagonista do seu processo de ensino e aprendizagem é valorizar seu diálogo, ouvir suas opiniões e compreender que são seres possuidores de direitos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. J. (Cord). Projeto Nave. **Educação a distância**. Formação de professores em ambientes virtuais e colaborativos de aprendizagem. São Paulo: s.n., 2001.

ANDRADE, C. D. A Verdade Dividida. *In: Contos Plausíveis*: José Olympio, 1985.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Tradução: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Afiliada, 1981.

BRASIL. Ministério da Educação. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. **Parecer CEB 022/98**. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis de anos de idade. Brasília: FNDE, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. **Parecer CEB 020/2009**. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. **Resolução CEB 5/2009**. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental** – Brasília: MEC / SEF, 1997. Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia e História, p. 6.

CAMBI, F. Rousseau: o pai da pedagogia contemporânea. *In: História da pedagogia*. Tradução Álvaro Lorenzini. São Paulo: EDUNESP, 1999, p. 342-355.

FERREIRO, E.; TEBEROSK, A. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1985.

FREINET, C. **Pedagogia do bom senso**. Tradução: J. Baptista. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

HERNANDEZ; VENTURA. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. Porto Alegre: Artimed, 1998.

KOHAN, W. O. **Infância entre Educação e filosofia**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.

KRAMER, S. A infância e sua singularidade. *In: BRASIL. Ministério da Educação. Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis de anos de idade*. Brasília: FNDE, 2006.

LOPES, J. J. M; VASCONCELLOS, T. Geografia da Infância: territorialidades Infantis. **Currículo Sem Fronteiras: Revista para uma educação crítica e emancipatória**, Niterói, v. 6, n. 1, p. 103-127, Jan./Jun. 2006.

LUQUET, G. H. **O desenho infantil**. Porto: Editora do Minho, 1969.

MALAGUZZI, L. Histórias, ideias e filosofia básica. *In: As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MATTAR, F.N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MONTESSORI, M. **A Pedagogia Científica**. descoberta da criança. Livraria Editora Flamboyant. São Paulo, 1965.

PONTUSCHKA, PAGANELLI E CACETE. **Para ensinar e aprender geografia**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PASSINI, E. **Alfabetização Cartográfica e a Aprendizagem de Geografia**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia**. 24.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

PLATÃO. **As leis, ou da legislação e epinomis**. Tradução: Edson Bini. 2. ed. Bauru-SP: Edipro, 2010.

REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

ROSSEAU, J.J. **Emílio ou da Educação**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

### Como referenciar este artigo

ESTEVES, Rosa Maria Maia Gouvêa; ROCHA, Beatriz Karine Cardoso. A construção de conceitos geográficos na educação infantil. **Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 21, n. 1, p. 148-169, jan./jun. 2019. e-ISSN: 2594-8385. DOI: <https://doi.org/10.30715/doxa.v21i1.13086>

**Submetido em:** 25/10/2018

**Revisões requeridas:** 20/11/2018

**Aprovado em:** 18/12/2018

**Publicado em:** 01/02/2019